

## ANDRÉ LUÍS GOMES ENTREVISTA ALAOR BARBOSA

Alaor Barbosa é um escritor autenticamente brasileiro, descendente de mineiros da Serra da Canastra e de paulistas de Igarapava, nasceu em Morrinhos, Goiás, e vive em Brasília há 23 anos. Escreveu *Memórias do negociado Bertolino de Abadia*, *Um cenáculos na paulicéia* e, em 2007, *Sinfonia Minas Gerais: A vida e a literatura de João Guimarães Rosa*.

Esta entrevista, construída a partir do prólogo “Um pouco de memória”, destaca trechos em que se evidenciam as aproximações do escritor Alaor Barbosa com Guimarães Rosa e as razões que o levaram a escrever sobre o autor de *Grande sertão: veredas*.

**André Luís Gomes**

### **O encontro com a literatura de Guimarães Rosa**

Foi Aurélio Buarque de Holanda a primeira pessoa que me falou da obra literária de João Guimarães Rosa. Isso aconteceu no segundo semestre de 1956, no Rio de Janeiro, na Escola Brasileira de Administração Pública (EBAP), da Fundação Getúlio Vargas. Aurélio era professor de português no curso de nível superior de Administração Pública e já era então muito famoso: dicionarista. Recordo bem, com muita viveza, é do que fiz quando terminou a primeira aula de Mestre Aurélio (acho que já o tratavam assim). Eu me levantei da carteira e me aproximei de Aurélio, já rodeado de alunos e lhe falei com firmeza: “Professor Aurélio, o senhor concorda comigo que

o maior contista brasileiro é Monteiro Lobato?”. Aurélio me olhou atento e me respondeu: “Olha eu também achava isso. Até que, algum tempo atrás, eu conheci a obra de um escritor chamado João Guimarães Rosa”. E eu: “Quem?”. E ele: “João Guimarães Rosa. Um escritor mineiro. Procure lê-lo”.

Não sei quanto tempo depois – talvez dias, talvez semanas –, eu entrei na Livraria São José e me dirigi ao balcão do lado esquerdo de quem entrava – no qual, sabia eu, se expunham livros recém-editados. E nele me deparei com alguns exemplares do livro *Grande sertão: veredas*. De imediato eu estranhei aqueles dois pontos insolitamente colocados no título. Abri o livro, e li aquela epígrafe entre parênteses: “*O diabo na rua, no meio do redemoinho...*”. Ela me evocou os ridimunhos de Morrinhos no mês de agosto, nos quais o provo dizia que existe um capetinha escondido no meio da violenta poeira redemoinhante. Acho que pensei: “*Por que João Guimarães Rosa não escreveu ridimunho ou redemunho em vez de redemoinho?*”. Nessa época eu exigia dos escritores regionalistas escrita e exata fidelidade no registro e transcrição dos vocábulos do dialeto sertanejo, que era meu dialeto morrinhense-goiano. Virei a página e vi a dedicatória: “*A Aracy, minha mulher, Ara, pertence este livro*”. Senti também algo novo naquele estilo de dedicatória. Sim, naquele livro existiam originalidades desde o princípio. Em seguida, abri na primeira página e comecei a ler: “*Nonada. Tiros que o senhor ouviu foram de briga de homem não, Deus esteja. (...)*”. Uma descoberta. Um alumbramento. Uma surpresa. Uma revelação. Um imenso gosto e gozo. Um achado. Texto claro, e tão forte! Tão expressivo! Tão interior do Brasil, tão Goiás! E, ao mesmo tempo, originalíssimo e universal.

### **Relações pessoais com João Guimarães Rosa**

Prefiro sempre falar da criação a falar do criador. Porém, no caso de João Guimarães Rosa, alguns fatos particulares me fazem prazerosa a ação de lhe esboçar a biografia. Um desses fatos é o conhecimento pessoal que tive, aos dezesseis anos de idade, o elevado privilégio de travar com ele e a subsequente convivência intermitente que mantive com ele em várias visitas que fiz, ao logo dos três anos e tantos seguintes, no gabinete de trabalho no Palácio do Itamaraty, no Rio de Janeiro.

Longas foram as nossas conversações: duravam a tarde toda, Guimarães Rosa conversava a sério, comigo, sobre vários assuntos. Quanto à leitura de livros, aliás, as únicas perguntas que eu ouvi dele foram nestes termos: “Você tem lido Guimarães Rosa?”. “Sente-se aqui e me diga se você tem

lido João Guimarães Rosa” – eu lhe julgava a vaidade natural, meio infantil, meio brincalhona, como se ele estivesse mais posando de vaidoso do que sendo vaidoso: como se ele estivesse mais representando do que sendo.

Algum tempo depois, morando (asilado e exilado, por causa do golpe político-militar de abril de 1964), em Morrinhos, estando eu em visita a Bernardo Élis, entrou o escritor e professor Domingos Feliz de Souza (irmão do poeta Afonso Félix de Souza). Logo depois ele me disse que devia viajar, naquele dia ou no dia seguintes, para o Rio; e que tencionava visitar Guimarães Rosa no Itamaraty. E me pediu uma carta para Guimarães Rosa. Bernardo Élis interferiu: “Convida ele pra vir passar uns dias na minha fazenda”. Dias depois Domingos Félix de Souza voltou do Rio, portanto, duas cartas de João Guimarães Rosa: uma para o Bernardo, muito elogiosa dos contos do último livro dele, *Caminhos e descaminhos*, a outra para mim, acusando o recebimento do meu livro, elogiando-o um tanto vagamente por alto, e se escusando ao passeio “a essa fazenda acolhedora em Morrinhos”.

Essa carta foi o último contato meu com João Guimarães Rosa.

### **Processos e razões da escrita**

Este livro é uma ampliação e aprimoramento do meu livro *a epopéia brasileira: Para ler Guimarães Rosa*, editado em 1981, em Goiânia. Ler os textos de João Guimarães Rosa tornou-se para mim um exercício de percepção de significados e intenções que antes me passavam despercebidos.

Esse complexo processo de modificações simultâneas e sucessivas nas minhas relações intelectuais e artísticas com o universo das obras literárias me conduziu a reconsiderar, nas justas dimensões, a valia do meu livro sobre Guimarães Rosa. Quero dizer com isso que, iluminado do meu próprio desenvolvimento educacional, cultural e intelectual, verifiquei as lacunas e as carências desse meu trabalho sobre o romance *Grande Sertão: veredas* e sobre o seu autor. Assim, terminei me vendo diante de um dilema: abandonar meu livro ao esquecimento perpétuo ou a uma posição muito secundária no conjunto dos livros sobre o mesmo assunto; ou reescrevê-lo e salvá-lo mediante um possível, necessário e indispensável enriquecimento.

Após um longo processo de maturação e decisão, optei pelo caminho que se impunha por si mesmo: aumentar, enriquecer, aprimorar meu livro sobre *Grande sertão: veredas*. Como? Primeiro, decidi fazê-lo abranger todos os livros de Guimarães Rosa, analisados de forma crítica adequada

e decente; em segundo lugar, ampliar a nota biográfica a ponto de transformá-la numa condigna biografia.

Escrevi este livro com indizível satisfação íntima, com iterativas sensações de novas descobertas, verificações esclarecedoras, constatações iluminadoras. Tudo isso, repito, significando valiosíssimo aprendizado instrumental para minha própria criação literária

Escrevi este livro também – e o que vou dizer vale para todos os outros que escrevi até agora –, por uma razão de ordem política importantíssima: a necessidade de defender a cultura nacional brasileira, e com a ela, a nacionalidade ameaçada de dominação e absorção.

Outro fato, importantíssimo, é que João Guimarães Rosa foi um escritor modelar e exemplarmente fiel à literatura e a si mesmo: um homem que se sacrificou por amor à criação literária. Foi um escritor sério e responsável perante si mesmo e perante a Arte tanto quanto um homem pode sê-lo. Além disso, quando mais tenho me informado sobre a personalidade e a vida de João Guimarães Rosa, mais e mais tem ele granjeado o meu respeito intelectual e moral. Ocorreram na sua vida numerosos atos de grandeza humana. Um deles, a sua atuação na Alemanha em favor dos judeus perseguidos; outro, o asilo que prestou, em seu apartamento, ao escritor Franklin de Oliveira, em abril de 1964. Essas suas ações solidárias têm o valor de lhe simbolizar a alma: ele, um homem avesso à política, que dela se defendia, praticou ações políticas em defesa da vida e da liberdade.